

Leptospirose Animal – Revisão de Literatura

A leptospirose é uma enfermidade suscitada por microrganismos deletérios do gênero *Leptospira spp.* A pluralidade acadêmica e científica categoriza a moléstia como sendo de natureza ocupacional e contatual, isso porque os animais incriminados como respeitáveis reservatórios da doença, o cão e roedores estão estritamente acomodados à coabitação urbana, favorecendo a proximidade com a espécie humana.

ELLIS (1994) informado por LEITE (2013) identifica a afecção de maneira destacada pela possibilidade de incidência global ou cosmopolita, sendo que o patógeno imputado pelo incitamento da patologia é a *Leptospira spp.* BATISTA et. al. (2004) declarado por CASTRO et. al. (2010) acentuam que a leptospirose representa uma morbidade transmissível aos seres humanos e que sua disposição é rotulada universalmente.

CLAZER et. al. (2015) defende que a eventualidade da doença está conectada à insalubridade urbana, inexistência de programas incentivadores da sanidade e também devido à eminente concentração de roedores que florescem prosperidade em estações cuja precipitação pluviométrica é intensificada. Ainda de acordo com os autores já mencionados, a potente pluviosidade é incumbida de instituir a ambientação adequada para a origem do padecimento.

Pelissari (2011) anunciado por CLAZER et. al. (2015) nomeia a leptospirose como um distúrbio adquirido devido ao ofício desempenhado pelo operador que mantém um contato direto e explícito com os seres biológicos que retratam a preservação da doença, como o cão doméstico e os ratos urbanos. Diante disso, LEVETT (2001); ADLER et. al. (2010) atribuem maior vulnerabilidade à infecção quando o empregado exterioriza exposição às condições de risco.

Segundo QUINN et. al. (2005) apontado por CASTRO et. al. (2010), a *Leptospira spp.* é patógeno responsável pela introdução da doença no organismo animal. LEVETT (2001) julga que as temporadas chuvosas estimulam e potencializam a disseminação da leptospirose porque o micróbio ocasionador da enfermidade hospeda-se no aparelho urinário dos animais infectados.

À vista disso, FAINE (1999) também enfatiza a probabilidade de penetração no tegumento intacto e, logo após, a *Leptospira spp.* é veiculada para os tecidos de predileção onde define e fixa a perturbação homeostática. COLLARES-PEREIRA (1994) publicados por CLAZER et. al. (2015) atribuem uma ampla importância aos roedores no processamento de alastramento da leptospirose.

CAMPOS et. al. (2011) realiza o fichamento de espécies domésticas como o cão, o bovino, o equino e o homem como as propícias para albergar e acolher a patologia. JOUGLARD (2005) acredita que a maximização do contato com o ambiente aquática eleva, substancialmente, a probabilidade de adquirir a infecção e favorecer a transferência da doença.

A aplicabilidade laboratorial é método que expressa mais confiabilidade e fidedignidade para o médico veterinário. Segundo SANTA ROSA (1970) e FAINE et. al. (1999) reportados por MIGLINO et. al. (2016), existe uma vasta diversidade de empregabilidade diagnóstica. Porém, Vasconcellos 1987; 1997 e FAINE et. al. (1999) defendem que a ferramenta laboratorial determinante é a evidenciação da bactéria.

CASTRO et. al. (2010) afirma que o tratamento pertinente consiste no emprego de antibióticos e assistência para os sinais clínicos, com a medicação sintomática. Portanto, ainda em concordância com os autores, a vacinação periódica e regular é pautada como o método de profilaxia mais eficaz e poderoso na prevenção contra o aparecimento da leptospirose.

Os autores ainda concluem que a prevalência do padecimento trata-se de uma dificuldade ou adversidade abrangidas pela insalubre e deficiente saúde brasileira. Estudos específicos auxiliares no levantamento de novas espécies e variedades antigênicas da *Leptospira spp.* têm sido difusamente emergidos e trabalhados, objetivando a luta contra essa doença tão debilitante e moribunda para as populações humana e animal.

Referências:

LEITE, Ana Karine Rocha de Melo.; GADELHA, Ailton.; GARCÊS, Wercauterres da Silva.; OLIVEIRA.; Ranniere Emidio de. Leptospirose em Equino: achados clínicos e laboratoriais. 2013. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**. Ano XI, N.21;

CLAZER, Marília.; RODRIGUES, Graziela Vendrame.; ARAÚJO, Luana.; LOPES, Karoline Franciani Cardoso.; ZANIOLO, Melissa Marchi.; GERBASI, Adalberto Ramon Valderrama.; GONÇALVES, Daniela Dib. Leptospirose e seu aspecto ocupacional – Revisão de Literatura. Arq. Ciênc. Vet. Zool. UNIPAR, Umuarama, v. 18, n. 3, p. 191-198, jul/set. 2015;

CASTRO, Jacqueline Ribeiro de.; SALABERRY, Sandra Renata Sampaio.; NETO, Antônio Bertolino Cardoso.; ÁVILA, Diego Fernando de.; SOUZA, Mariana Assunção de.; LIMA-RIBEIRO, Anna Monteiro Correia. Leptospirose canina - Revisão de literatura. **PUBVET**, Londrina, V. 4, N. 31, Ed. 136, Art. 919, 2010;

MIGLINO, Maria Angelica.; SASAHARA, Tais Harumi de Castro.; FAVARON, Phelipe Oliveira. Leptospirose – Revisão. **PUBVET**, Londrina, v.10, n.2, p. 138-146, Fev., 2016;

ELLIS, W.A. Leptospirosis as a cause of reproductive failure. In MILLER, R.B. The Veterinary Clinics of North America: food Animal Praticce. Philadelphia, v.10, p. 463- 476, 1994;

BATISTA, C.S.A; AZEVEDO, S.S.; ALVES, C.J.; VASCONCELLOS, S.A.; MORAIS, M.; CLEMENTINO, I.J.; LIMA, F.S.; ARAUJO NETO, J.O. Soroprevalência de leptospirose em cães errantes da cidade de Patos, Estado da Paraíba, Brasil. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, São Paulo, v. 41, n.2, p. 131-136, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/bjvras/v41n2/25230.pdf> >;

PELLISSARI, D. M. et al. Revisão sistemática dos fatores associados à leptospirose no Brasil, 2000- 2009. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 20, n. 4, p. 565- 574, 2011;

LEVETT, P. N. Leptospirosis. **Clinical Microbiology Reviews**, v. 14, n. 2, p. 296-326, 2001;

ADLER, B.; DE LA PENA MOCTEZUMA, A. Leptospira and leptospirosis. **Veterinary Microbiology**, v. 3-4, n. 140, p. 287-296, 2010;

QUINN, P.J.; MARKEY, B.K.; CARTER, M.E.; DONNELLY, W.J.; LEONARD, F.C. Espiroquetas. In:_____. **Microbiologia Veterinária e Doenças Infeciosas**. Porto Alegre: Artmed, 2005. cap. 31, p. 179-188;

FAINE, S ; ADLER. B.; BOLIN,C.; PEROLAT, P. **Leptospira and leptospirosis**. 2. ed. Melbourne: MedSci, 1999. 272 p;

COLLARES-PEREIRA, M. Leptospira e leptospirosis: epidemiologia e diagnóstico laboratorial. In: ANTUNES, F.; FORTE, M. **Cadernos de Doenças Infeciosas**. Faculdade de Medicina de Lisboa, p. 19-28. 1994;

BRASIL. **Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde.**

Leptospirose. In: Guia de vigilância epidemiológica Brasília: Ministério da Saúde, ed. 7, v. 8, p. 15, 2009;

JOUGLARD, S. D. D. **Diagnóstico de leptospirose por PCR e 13 caracterização de isolados de Leptospira spp. por sequenciamento do 16S rDNA e análise de VNTR.** 2005. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia Agrícola. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. Rio Grande do Sul;

ETTINGER, S.J.; FELDMAN, E.C. Doenças Bacterianas In: **Tratado de Medicina Interna Veterinária: Doenças do cão e do gato.** 5.ed. Guanaba Koogan: Rio de Janeiro, 2004, p.418-419;

GEISEN, V.; STENGEL, C.; BREM, S.; MULLER, W.; GREENE, C.; HARTMANN, K. Canine leptospirosis infections- clinical signs and outcome with different suspected Leptospira serogroups (42 cases). **Journal of Small Animal Practice**, Oxford, v.48, n.6, p 324-328, 2007. Disponível em: <<http://www3.interscience.wiley.com/journal/117961781>>;

Santa Rosa, C. A.; Sulzer, C. R.; Giorgi, W.; Silva, A. S.; Yanaguita, R. M. & Lobão, A. O. (1975). Leptospirosis in wildlife in Brazil: isolation of a new serotype in pyrogenes group. *American Journal of Veterinary Research*, 36, 363-365;

Faine, S.; Adler, B.; Bolin, C. & Perolat, P. (1999). Leptospira and leptospirosis. 2nd ed. Melbourne, Austrália: *Medicine Science*, 272p.